

Veze e voz às crianças!



Ravi Ribeiro Arena, 9 anos

EDITORIAL

VOCÊ AINDA TEM SALVAÇÃO?

Por *Adriana Pastorello Buim Arena*

Caras alfabetizadoras,

Fiz, durante quinze anos, parte desse grupo a que vocês pertencem. Atualmente estou no grupo que trabalha com a formação de professores. Mesmo nesta condição em que me encontro, sinto que posso falar diretamente com vocês, porque lidei no dia a dia da sala de aula, passei por escolas públicas e privadas, conheci crianças analfabetas em idade avançada, as ricas e as pobres. De um lado, havia todas as condições materiais necessárias, do outro apenas o livro didático, o giz, o caderno, o lápis. A borracha, para muitos, era de uso coletivo. Mesmo na desigualdade de condições, encontrei em todas elas, ricas e pobres, o mesmo desânimo para aprender a linguagem escrita porque não fazia parte de suas necessidades na vida cotidiana!

No início de minha carreira no magistério, marcada pela tradição positivista da escola, pelas ideias conservadoras de meus pais, ofereci aos alunos, que por mim passavam, as sobras frias do prato daqueles que tão bem se alimentam. Os bem alimentados dominam os corpos e mentes fragilizados dos que, privados de todos os banquetes, nem se dão conta de tudo que lhes falta. Aceitam docilmente os desígnios de um Deus que definitivamente não é o meu! Ofereci para os meus alunos o ciclo viciado da minha formação fincada na cultura do capital e trabalhei para que ele se perpetuasse. Mas eu ainda tinha salvação!

Marcada também pelas ideias da teologia da libertação, pelos livros lidos em grupos políticos de esquerda, pela indicação de leituras, filmes, obras de artes, peças teatrais e visitas em lavouras de cana de açúcar, vi braços que sofriam o esgotamento físico de um trabalho, em más condições, pago com salário vil, e consegui perceber que as práticas pedagógicas que eu propunha serviam apenas para falsear os índices de crianças alfabetizadas nos rankings de avaliações externas.

Bons amigos, e alguns professores, estavam preocupados em ampliar a minha capacidade de pensar a partir de diferentes pontos de vista, porque eles já estavam livres do curral da ignorância, já sentiam o sabor da liberdade e da emancipação pela educação.

Eu mudei minha prática! Estudei bastante, testei muito e continuo exercitando a avaliação em relação às minhas proposições de ensino para não despencar novamente no abismo da ignorância, e, mais grave que isso, levar comigo tantos alunos que poderiam caminhar em veredas tão limpas, verdes, e abundantes!

E você tem salvação? Está disposta a enveredar por caminhos onde o capital te faz crer que professores propõem trabalhos sem comprovação científica? A enveredar pelo caminho da linguagem escrita sem passar pela trava da consciência fonológica que impede o avanço das consciências humanas? Desconfiar de “verdades” é o início da salvação!

DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

O REENCONTRO COM O LIVRO ILUSTRADO: ENTRE ENUNCIADOS ESCRITOS E VISUAIS E A FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS LEITORAS

Por *Cynthia Graziella Guizelim Simões Girotto*

Defender a escola, na figura do professor, é urgente e necessário, porque é ele quem pode criar condições para que crianças encontrem os caminhos da vivência como leitores, como criadores de sentidos em sua interação com o texto literário. Por esses caminhos, distanciam-se da maneira tradicional de abordá-lo, que se concretiza por meio da utilização de trechos de textos descontextualizados usados como pretextos para o ensino de gramática, de condutas moralistas e de comportamentos supostamente aceitáveis. Isso se configura como didatização inadequada do texto literário.

Então, se esse não é o ato genuíno de ler literatura, qual e como seria a leitura literária de direito das crianças? Que leitura garantiria o diálogo com o texto literário, com os enunciados alheios neles postos, prontos para serem compreendidos pelo diálogo entre autor e leitor? Esta última indagação é redundante, porque a resposta é dada pelo próprio ato de ler em essência, uma vez que sua natureza é profundamente dialógica e interrogativa.

Como explica a pesquisadora francesa Josette Jolibert (2006), ler é uma questão de saber perguntar ao texto. Isso nada tem a ver com responder questões formuladas pelo professor, porque no processo de leitura as crianças devem aprender a elaborar seus próprios questionamentos. Ao invés de focar o trabalho pedagógico pelo qual crianças se tornam meramente decifradoras, a necessidade é a de contribuir para que se tornem perguntadoras.

“Curiosar” é uma atitude própria das crianças que não pode ser perdida com a sua entrada nos anos iniciais do Ensino Fundamental. É preciso ter curiosidade para aprender a ler. Ser leitor é aprender a ser um detetive, por isso as crianças precisam aprender a fazer perguntas e a ver pistas nos textos para aprofundarem o seu diálogo com o autor.

Para evitar a perda da curiosidade, um gênero de obra é fundamental: o livro ilustrado.

Analisar o encontro com o livro ilustrado é analisar, desde este ponto de vista, a leitura literária. E o que é, como é o livro ilustrado?

Eu convido vocês a me acompanharem por este caminho.

Os enunciados artísticos nesse tipo de livro formam um pensamento de natureza também poética. Por portar linguagens distintas, ele é considerado híbrido; a linguagem visual e escrita e seu projeto gráfico estão em aliança plena. Sem esse vínculo, a criação literária nele desapareceria. Com essa complexidade, se quisermos que os pequenos leitores em formação aprendam a utilizar cada vez com mais autonomia diferentes estratégias no processo de negociação de sentidos e compreensão, precisamos, como mediadores, na condição de promotores da leitura literária, mergulhar em cada obra e buscar compreender primeiro quais as experiências estéticas e leitoras que elas nos proporcionam e, então, nos prepararmos para provocar um diálogo mais profundo entre autores e pequenos leitores por meio da obra.

Por muito tempo, compreendeu-se a ilustração apenas como um adorno ao texto escrito. Ela se apresentava de forma passiva, sem nenhum papel relevante para a narrativa. Aos poucos, as imagens foram ganhando espaço, com suas variações plásticas, expandindo-se em termos narrativos e espaciais. O uso de recursos cromáticos se tornou imprescindível às ilustrações. Em diferentes graus de relevância para a narrativa, as cores se apresentam em diferentes estilos, dimensões e diversidades.

O livro *Sombra*, de Suzy Lee (2014), por exemplo, têm ilustrações em preto e branco para representar o mundo real de uma garota para, em seguida, apresentar o amarelo no mundo das sombras, no qual a imaginação – representada pela cor – transforma o que antes eram apenas objeto inanimados em figuras cheias de vida.

Essa obra é um livro-imagem, portanto, explora apenas os elementos visuais para narrar uma história.

O amarelo se amplia gradativamente, extrapola a página inferior e toma conta da página dupla por completo – tal como a imaginação da garota, que se expandiu para todo o seu espaço físico.



A cor parece, ela própria, dar vida aos objetos de cena, enquanto orienta o leitor. A linguagem poética da cor é evidenciada por meio dos enunciados visuais que deixam em aberto possibilidades de entradas, de levantamento de hipóteses, de conclusões provisórias. Tudo isso abre mais caminhos para diálogos.

Podemos notar, ainda, o ritmo que a linguagem cromática pode promover numa obra. A cor amarela, inicialmente inexistente na ilustração em preto e branco, com muito espaço vazio, em silêncio, cresce aos poucos na medida em que as páginas são viradas. Essa técnica acelera o ritmo da narrativa até o momento em que explode em um refrão – ou uma página completamente amarela – para, em seguida, reduzir regressivamente a cor nas páginas. A compreensão da linguagem das cores e a utilização do jogo de opostos e equilíbrio, somada à mudança de cores, revelam mais um aspecto da fantasia nas narrativas ilustradas.

Em *O Matador*, de Wander Piroli e Odilon Moares (2018), o enunciado visual é composto em tons de verde em toda sua extensão. O olhar do leitor, diante do jogo de negociações entre texto escrito e ilustração, sob esse pano de fundo suavemente esverdeado, se torna tão acostumado, saturado com essa tonalidade de cor que, automaticamente, exige um complemento: o vermelho.

Na página final, quando o personagem arremessa um pássaro contra uma parede, matando-o, uma mancha vermelha surge na página. Ela provoca

espanto no protagonista e um arrebatamento visual para o leitor. O ilustrador se vale, ainda, da sombra do garoto para mostrar como aquele episódio o marcou profundamente.



O livro ilustrado é, na sua essência, uma fusão de processos e procedimentos distintos, uma produção cujos sentidos são construídos pela confluência de muitas linguagens a serem redescobertas e reencontradas.

O potencial poético da cor, que se constrói por meio da expressão cromática na narrativa e que se afasta da mera reprodução do real, é um dos aspectos possíveis para o encontro da criança com o livro ilustrado, junto com outros livros que devem fazer parte da vivência leitora das crianças. Esse encontro ratifica a premissa de que a palavra que está na literatura, na criação cultural toda, na ideologia, está presente na vida, e que a vida está presente na poesia.

O enunciado poético vívido é a vida se manifestando como oportunidade de um caminho pleno de bonitezas humanizantes para formação de crianças leitoras.

Referências

JOLIBERT, Josette et al. *Além dos muros da escola: A escrita como ponte entre alunos e comunidade*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LEE, S. *Sombra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MORAES, O.; PIROLI, W. *O Matador*. São Paulo: SESI-SP, 2018.

ALEXANDRITA: SENTIDOS E SIGNIFICADOS

Por Neire Márcia da Cunha

Este relato é um recorte de minha pesquisa de doutorado (CUNHA, 2019), cujo objetivo era compreender o processo de formação de autoria em crianças quando criam contos, de idades entre 9 e 10 anos. Foi feita em escola de Tempo Integral em Uberaba-MG.

O projeto metodológico foi organizado em três ciclos temáticos: *O ato de decisão; Imaginação e criatividade; e Liberdade e responsabilidade.*

Neste recorte, destaco aspectos do primeiro ciclo temático: O ato de decisão, resultante de onze tarefas de estudo em que as crianças compreenderam a relação entre a escrita delas e a sua própria vida.

Com o objetivo de apresentar o processo único e singular vivenciado por Alexandrita (nome fictício), apresentarei logo adiante uma situação específica em que ela atribui sentidos a enunciados reais, de acordo com seus motivos e suas necessidades. Foram, antes, desenvolvidas várias ações, organizadas em três tarefas – entendendo por tarefa um conjunto de ações dirigidas a um objetivo, dentro de certas condições - durante um mês e meio.

Na 1ª TAREFA foram desencadeadas as seguintes ações: 1ª. Assistimos e discutimos aspectos relacionados ao filme *Alice no País das Maravilhas*; 2ª. Estudamos a biografia de Lewis Carroll e a narrativa que deu origem ao filme; 3ª. Discutimos coletivamente o enredo do filme; 4ª. Refletimos sobre alguns elementos do enredo ligados aos atos de decisão e superação dos medos pelos personagens. Por fim, na 5ª ação, respondemos às seguintes questões: Quem é o autor? Que relações vocês perceberam entre a vida do autor e sua obra? O que o autor escreveu? Como escreveu? Para quem ele escreveu? Sobre o que ele escreveu?

Após a realização da tarefa, de acordo com as necessidades apresentadas pelas crianças, comentamos as relações entre diferentes gêneros

textuais, a dinâmica da intertextualidade, e sua ligação com as vidas do autor e do ilustrador. Neste caso específico, o diálogo entre as vidas e as obras de Lewis Carroll e Nelson Cruz.

Na 2ª TAREFA, a primeira ação foi o estudo da biografia de Nelson Cruz; a segunda, a leitura silenciosa do conto *Alice no telhado*; a terceira foi a discussão coletiva do enredo do conto *Alice no telhado*; a quarta foi a descoberta, com minha ajuda, dos elementos constitutivos do conto.

Na 3ª TAREFA, realizamos as seguintes ações: 1ª propusemos o diálogo coletivo sobre as obras e a vida dos autores (história de vida), estabelecendo aproximações ou distanciamentos entre eles; 2ª Respondemos às seguintes perguntas: Quem é o autor? Que relações há entre a vida do autor e sua obra? O que o autor escreveu? Como escreveu? Para quem ele escreveu? Sobre o que ele escreveu?

Transcrevo aqui um curto relato de Alexandrita, quando, ao dialogarmos sobre a vida de Lewis Carroll e o enredo de seu livro, destacávamos a importância da tomada de decisão de Alice em enfrentar o Jaguadarte, após o conselho da Lagarta Azul. Ela relata:

Alexandrita: Minha mãe falou para eu arrumar um emprego, mas eu falei para ela que não, porque eu ainda não tenho idade, [...] quando eu tiver com uns 28 anos eu vou arrumar um emprego melhor que o dela. Ela primeiro trabalhou limpando casa, aí depois na lojinha, depois ela conseguiu emprego na Caixa [Caixa Econômica Federal]. Ela só conseguiu o emprego na Caixa porque eu falei com o meu pai. Eu decidi por ela.

A voz de Alexandrita anuncia o modo como vivenciou os fatos relacionados à questão do emprego na vida da mãe e à sugestão de trabalho que lhe foi feita por ela. A recomendação da mãe

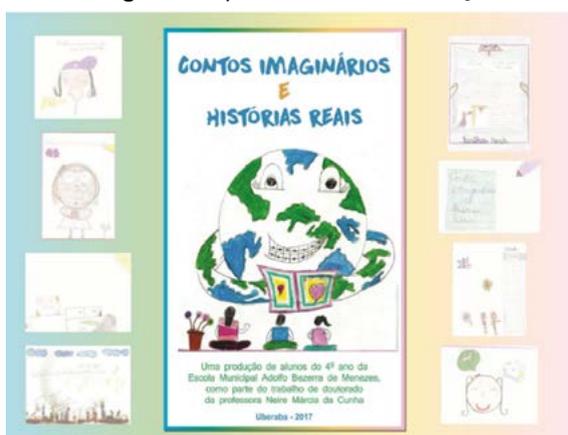
parece ter-lhe causado, ao mesmo tempo, indignação, porque, segundo a menina, ela era apenas uma criança, portanto não deveria trabalhar; e uma preocupação com os empregos ocupados pela mãe por entender a situação financeira da família naquele momento. Ao dizer que decidiu por sua mãe, parece perceber a necessidade e importância da tomada de decisão na vida das pessoas. Demarca o lugar que ocupou na vida da mãe.

COM OS ESTUDOS REALIZADOS AO LONGO DA PESQUISA, ENTENDI QUE QUANDO UMA CRIANÇA TOMA CONSCIÊNCIA DO LUGAR QUE OCUPA NA COLETIVIDADE À QUAL PERTENCE, EM UM MOVIMENTO CONTRADITÓRIO E DINÂMICO MEDIADO PELAS RELAÇÕES SOCIOCULTURAIS, ELA SE TRANSFORMA.

Nesse processo, se forma como ser social e histórico, porque a vida social é a fonte do desenvolvimento da formação humana.

Ao atribuir sentidos aos enunciados, Alexandrita estabeleceu uma relação única, peculiar e irrepetível com a sua própria vida, revelando a situação de vulnerabilidade social em que vivia. Por isso, defendo a necessidade de dar vez e voz às crianças, e de mergulhá-las, de forma cada vez mais profunda, na produção material e imaterial da cultura mais elaborada pela humanidade, como forma de fomentar o seu processo de humanização por meio da palavra viva.

Imagem: Capa do livro das crianças



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A imagem apresentada refere-se à capa – criada pelas próprias crianças – do livro elaborado por aquelas que fizeram parte do Projeto de Aprendizagem. Nele foram registradas as narrativas produzidas pelo grupo no decorrer do processo de investigação.

Entendemos que a criança é capaz de atribuir sentido e significados aos estudos a partir dos eventos vividos por ela, no diálogo cristalizado na cultura mais elaborada em um determinado tempo histórico. E, no movimento dinâmico e contraditório da realidade, ela significa e dá novos sentidos às suas próprias vivências e aos seus estudos.

Precisamos propiciar as condições necessárias ao aprofundamento e ampliação da vida íntima e, de modo concomitante, à objetivação de suas vivências no e com o mundo externo. Ao promover a ascensão das vivências subjetivas para as objetivas, criamos uma esfera íntima com características próprias, uma linguagem emocional/intelectual singular, para que expresse seus sentimentos, suas necessidades e desejos, colocando em movimento o seu desenvolvimento.

A criança precisa ser protagonista em seu processo de aprendizagem, deve ser ouvida e respeitada. “O melhor estímulo para a criação infantil é uma organização da vida e do ambiente das crianças que permita gerar necessidade e possibilidade para tal [criação infantil].” (VIGOTSKI, 2009, p. 20). Por isso, resalto que a organização do ensino deve promover situações em que a criança crie e recree, forme seu próprio discurso e o expresse por meio de enunciados vivos, desenvolvendo-se como um todo único, singular e insubstituível.

Referência

CUNHA, N. M. *Processo de formação de autoria em crianças quando criam contos*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP/Marília, 2019, 342p.

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância*. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

MURAL

DIÁLOGO COM LEITORES

Enquanto profissional e pesquisadora, o sentimento que sobressai, a cada nova publicação é: encantamento. Pensar nas práticas de leitura e escrita, por um viés que permita ir ao encontro de práticas mais humanas, na mesma medida que democráticas, é uma dádiva para nós, leitores.

O encantamento perpassa a minha leitura e invade as minhas vivências na Educação Infantil, permitindo (re)pensar estratégias, ampliar a minha criatividade e me deslocar de posturas que não favorecem o desenvolvimento significativo das crianças. Esse “encantar” que chega à escola, depois das reflexões tecidas, faz toda a diferença ao permitir que a escola viva práticas educativas respeitadas, pensadas nas entrelinhas, com a finalidade mais nobre possível: educação de qualidade! Considero o NAHum como um presente afetuoso para uma educação mais justa. Divulgo as edições com muita empolgação, para minhas colegas de profissão e espero que nosso grupo cresça cada vez mais, alcançando mais e mais pessoas!

Abraços fraternos e cheios de esperança!

Anna Luiza Reis Leal – Profissional de apoio escolar na rede pública de Uberlândia e mestranda na Universidade Federal de Uberlândia.

Que grande contribuição o professor Dagoberto deu à turma da professora Kátia! Belíssima socialização, que só ratifica o texto de Joelma. A cartilha consegue silenciar as infinitas possibilidades de enunciados. Ainda bem que temos pessoas dispostas a fazer a diferença na alfabetização das crianças. Viva o NAHum!

Comentário da Doutora **Rowana Quadros Avante Simões Costa** – Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação de Marília – a respeito da edição de setembro e outubro do Boletim do NAHum.

COMPARTILHANDO IDEIAS

O livro composto por imagens contribui muito para a formação do pequeno leitor de obras literárias, uma vez que possibilita às crianças o projeto

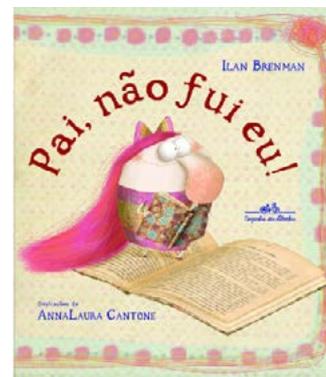
de dizer do autor e, ainda, possibilita a liberdade do leitor de percorrer seus caminhos próprios ou caminhos a partir de ações intencionais de seus professores.

Além disso, segundo a pesquisadora Gisele de Assis Carvalho Cabral (2021) os livros de imagem deveriam ser amplamente usados na escola porque contribuem para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, ampliam o conhecimento estético e cultural das crianças, e também permitem a elaboração de histórias tanto orais como escritas, conforme as suas necessidades e as suas expectativas.

Referência:

CABRAL, G. A.C. *A arquetônica do ato de ilustrar de Rui de Oliveira: contribuições dos livros de imagem para a formação do pequeno leitor literário*. (Mestrado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP - Campus de Marília. 2021

LITERATURA NA RODA



Há momentos em que a imaginação infantil vai muito longe para compreender a realidade, a dinâmica de fatos e situações inesperadas da vida.

É importante que tais momentos não sejam esquecidos na literatura infantil. Ao brincar com a poderosa capacidade de inventar, típica da infância, Ilan Brenman nos presenteia com a história de um pai que, quando trabalhava tranquilamente no escritório de sua casa, ouviu um estrondo. Sua pequena filha passa, então, a dar as explicações, as mais inimagináveis, sobre a causa do desastre. Com um final surpreendente, a obra, ilustrada por Anna Laura Cantone, nos proporciona uma pequena amostra das relações entre pais grandes e filhos pequenos.